

## POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JBCLASS. : MT 09DATA : 27 02 88PG. : 11

## Quase inviável

William Waack

Uma visita às zonas avançadas de exploração do ouro no Brasil — Alta Floresta, Mato Grosso, por exemplo — deixa a irresistível impressão de que o governo ali não manda. Dizer que não há lei é um exagero, contudo. Um código razoavelmente completo de conduta vem sendo respeitado: é o da selva.

Não configura novidade o fato de qualquer autoridade central ter menos possibilidades de ser exercida em regiões como a de garimpos. Na ocupação do Oeste americano, ocorreu o mesmo tipo de primazia do mais forte e mais poderoso. Naquela época, porém, uma notícia poderia levar dias até chegar a algum centro importante.

No Brasil, o fascinante é que o DDD coloca qualquer pessoa em direto contato com o faroeste. Não se trata de máquina do tempo ou de volta ao passado. A ausência de autoridade e governo em regiões desse tipo nada tem a ver com estágios pré-civilizatórios: é apenas outra cara da crise de valores e liderança no país.

Numa recente entrevista, o jurista Raymundo Faoro observava que o Brasil, atualmente, é como uma gigantesca favela, governada por leis próprias, que coincidem em 90% com as leis existentes ou básicas, mas quem implementa essas leis é a própria comunidade e não mais o governo. A importância dessa afirmação é a sua validade tanto para o garimpo — situado na selva amazônica, entre animais selvagens e em territórios desabitados — como as grandes selvas urbanas, nas quais já vive há algum tempo a maioria da população brasileira.

O paradoxo nas regiões de fronteira econômica (é disto que se trata em Alta Floresta, que tem apenas 11 anos de idade) não se traduz na falta de autoridade central em razão da distância geográfica das capitais e instituições. Justamente a proximidade proporcionada pelo telefone e o avião torna as coisas mais difíceis e confusas.

Poucos grupos sociais perceberam tão depressa sua capacidade de pressão e mobilização quanto o dos garimpeiros. Calcula-se que uns três milhões de pessoas já vivem desse tipo de atividade, mas é bom assinalar que a mola que impulsiona-as não é a mesma que leva o jogador de roleta a tentar sua sorte e sim a total falta de perspectiva econômica e assombrosa miséria em algumas regiões do interior — as grandes fornecedoras de garimpeiros aliás.

Todo cuidado é pouco, porém, com as aparências. O que poderia superficialmente ser interpretado como autêntico movimento de massas, que não hesitariam (nem hesitam

mesmo) em pegar nas armas para articular sua vontade política ou impor reivindicações econômicas, trata-se muitas vezes de bem montada operação destinada a criar fatos consumados e aumentar o poder de pressão nas capitais regionais e Brasília, em favor de grupos econômicos em parte perfeitamente caracterizados como quadrilhas.

O recado nunca deixa de chegar ao ouvido certo. Há uma quantidade apreciável de políticos dispostos a embarcar na popularidade fácil, sem considerar a intrincada complexidade dos problemas envolvidos. Grande parte das confusões criadas a partir de conflitos entre garimpeiros, empresas mineradoras e Estado se deve à falta de orientação política do governo federal e, em especial, ao seu pouco apego às leis que ele mesmo sancionou.

Haveria, ainda, outro tipo de explicação para a situação de rápida decomposição de autoridade registrada em todo o país. Também no caso da exploração do ouro, muitos compreenderam que podem afrontar autoridades e desafiar impunemente o Estado: E, por que não, se o descrédito da justiça e classe política nunca atingiu níveis tão profundos no país? Por que não, se a troca de favores ou o tráfico de influência é um dos traços marcantes da administração?

Quem se arriscasse a análises sociológicas mais ambiciosas poderia chegar a conclusões fortes. A criação de setores informais na economia brasileira avança rapidamente, e, pelo menos no caso do ouro, já se fala de um ciclo completo, totalmente marginal, que vai da exploração à comercialização — tudo ilegal — passando por beneficiamento, utilização como ativo financeiro ou matéria-prima e moeda corrente. Dentro dessa perspectiva, não seria exagerado dizer que os territórios liberados do Rio de Janeiro e as favelas — são outra manifestação do mesmo fenômeno. Até mereceria aplausos: finalmente alguém está atuando fora da tutela do Estado.

Os sintomas de desagregação do tecido social brasileiro são evidentes em outra série de episódios, como as importantes greves de ferroviários e aeroviários. O problema não é o fato de as greves terem ocorrido, e sim o grave desinteresse registrado ao seu redor e a falta de soluções convincentes. Da mesma forma que no garimpo, as pessoas se perguntam, afinal, como é que se pode abandonar assim um país. E é por isso que impressiona uma visita a lugares aparentemente tão distantes, na verdade tão próximos, como um garimpo no meio da selva. O profundo contraste entre o potencial da riqueza e o tamanho da confusão indicam a velocidade em que anda a inviabilização do Brasil.